

## **DIEGO SIMEONI E DAVID BECKHAM O ILEGAL E O ILEGÍTIMO NA FARSA FUTEBOLÍSTICA**

FRANCISCO MARTINS

Sabe-se que a cefaléia é o sintoma mais comum na face da terra. A posição periscopical, a horizontalização do corpo faz da cabeça um símbolo vivo do sujeito que está inteiro, completo, sabendo o que quer e pronto para a vida e os enfrentamentos que ela pode trazer. Acreditamos que a chance de David Beckham sofrer de cefalalgia é altíssima dado sua obsessividade extremada. É um esmerado exercitador de cobranças de falta, cruzamentos altamente premeditados e combinados, lançamentos milimétricos e cobrador de pênaltis exímio. Elaboradíssimo, sua arte se expande para muito mais além da sua alta habilidade. David Beckham com um suspiro arranca gritos de fãs japonesas e, de imediato, um milhão de yens cai na sua conta. Cada gesto, cada novo corte de cabelo, cada passeada com sua esposa esfuziante faz jorrar Libras Esterlinas tal como chove na velha ilha. Ao inspirar, admirando de sua nova mansão em uma colina da Califórnia a cidade de Los Angeles em panorama, cem mil dólares entram no seu bolso. Ao expirar, voltando-se para ver se sua Ferrari Testarossa está brilhante e limpinha, também mais duzentos mil dólares se introduzem na sua carteira. Enfim, um craque da bola e um gênio do marketing. Um artista perfeito que naturalmente se adapta ao seu cada dia novo papel de ganhar muito dinheiro. Tudo isso a partir da sua obsessividade marcante: obsedante limpeza no visual,

escrúpulo, método, sempre com sucesso garantido, eficácia indubitável e acima de tudo *gentleman*.

Com certeza, algo abominável no seu funcionamento mental seria perder o controle de todo este maquinário de fazer grana, e, mais ainda de não ter mais controle sobre si mesmo, de vir a ser um *bad boy*, a sombra do *bright boy* solicitado e admirado. Ou seja: “perder a cabeça”. David não se perdoa até hoje ter reagido de forma intempestiva quando Diego Simeoni, petulantíssimo, acabou por fazê-lo “esquentar (*hotheaded*)” a cachola, e a Inglaterra sair de mais uma Copa do Mundo sem chegar às semifinais. Todo o seu imenso sacrifício pela esquadra inglesa foi por água abaixo.

Freud insiste na questão do ato sacrificial presente nas situações decisivas. Somente homens que assumem a alta responsabilidade é que se expõem às situações sacrificiais. Porras-loucas não têm vez. O pênalti é um ato tão importante que devia ser batido pelo Presidente do Clube, ou o Presidente da República, quando for a equipe nacional, diz a fala do povo. Claro que isso seria um absurdo: ver a Rainha da Inglaterra ou um outro qualquer representante maior do poder executar tal ato seria um achincalhe. Trata-se de chistes que visam deslocar a alta responsabilidade dos nossos heróis, que já se submetem a tanto, e às vezes por tão pouco, por outros julgados mais aquinhoados pelo exercício do poder. David aceitou o desafio de ser herói, capitão orgulhoso e determinado. Não sabia que ia encontrar um Simeoni, especialista em criar *conundrum for his opponents* e ganhar por outros meios menos relacionados a uma concepção obsessiva do mundo e do esporte: a velha *catimba*.

Ambos, David Beckham e Diego Simeoni, vão para o sacrifício. Porém de maneira muito diversa cada um. Às vezes, o herói subdesenvolvido – o herói que não é herói, supostamente inferiorizado culturalmente e até na habilidade – o que não é o caso, pois Diego Simeoni é habilíssimo - desenvolve artimanhas extras para intimidar o oponente até o adversário reagir, transgredindo e escandalosamente mostrar-se ofendido figadal. *Mutatis mutandis*, a história inglesa é plena de heróis nesta mesma direção: Almirante Nelson, herói dito correto, impoluto da batalha de Trafalgar, tinha canhões muito mais eficazes do que *La Grande Armée* franco-espanhola que não tinha a artimanha de canhões com poder de fogo pelo menos duas vezes maior: a tecnologia fez a diferença *Redoutable* a favor do *Victory*; Robin Hood, ladrão contumaz e querido por Ricardo Coração de Leão, e Francis Drake, bucaneiro autorizado pelo trono e depois pacato benfeitor, construtor de Igrejas na sua comuna: inimaginável pensá-lo então como o grande corsário. Todos eles, heróis e sacanas em uma só vida. Todos, ainda que modernizados pelo cinema, encontram seu lugar na fantasia de muitos *Britons*.

Assim, ao deixar a perna no contato com o *keeper*, cair fragorosamente para ganhar o pênalti, e depois, cúmulo dos cúmulos do descaramento, provocar David com este reagindo no automático ofendido e despencando dos céus do seu estrelato, fez de Diego Simeoni o grande vencedor de um embate que a Inglaterra parecia levar vantagem. Sua técnica foi até simples: formatou precisamente a cena e o gesto para a forma de leitura do árbitro e obrigando-o a aplicar a regra literalmente. Se o atacante é atingido na grande área é pênalti, segue que Simeoni cairá se contorcendo no ar, mas com a perna presa em Seaman, querendo este

ou não, regra obriga: pênalti incontestável (será? haja árbitro esperto para fugir da literalidade). Se o jogador recebe uma cusparada ou é feito um gesto agressivo em sua direção trata-se de agressão, no mínimo atitude antidesportiva, ofende a regra que indica expulsão: Simeoni ao ser tocado fica caído e Beckham, vendo ter entrado na esparrela, já nem discutiu ou mostrou revolta, saiu de imediato do jogo entregando a *tarjeta de capitán*.

Uma espécie de elogio tecnológico se imiscui no jogo da vida e do futebol. Em uma emissão inglesa um piloto do caça *Harrier* - um dos supra-sumos tecnológicos utilizados naquele confronto desigual tecnologicamente – remordia-se por ter matado argentinos com armas de visão infravermelha. Os jovens soldados nas trincheiras argentinas eram alvos mais fáceis do que patos de borracha em um parque de diversões barato. Não parecia guerra de verdade para o nobre artilheiro: era um stand de tiro. Se existe inglês gozando com a vitória da *Royal Nave* existem também aqueles que ficam incuravelmente culpados e até algo solidários com a dor do inimigo sobremaneira inferior. “Matei legalmente, mas era ilegítimo”, sente o guerreiro de Albion que queria um adversário à altura e que lhe restava um mínimo de empatia. ‘Tenho uma técnica melhor do que a de David Beckham, arrumadinho demais; porque não vencer por este meio?’. ‘É ilegal, mas é legítimo’, *en nombre de mi patria y de ganar el partido*, pode ter meditado Diego Simeoni. Acreditamos que Diego Simeoni tenha achado um horror a mortandade dos jovens recrutas em Port Stanley. A culpa argentina pelo envio de seus filhos para serem estropiados como paturebas recrudescer de tempos em tempos. Porquanto David topou com um Diego Simeoni funcionando naqueles dias como um guerreiro tecnicamente superior na guerra suja que não deveria ser o futebol.

Diego Simeoni encontrou em David um jogador empatuscado e *naïf* que lhe estava disponível para liquidar guerrilheiristicamente aquele entrevero futebolístico. Se a lógica da guerra total se mistura com as oposições entre o limpo e o sujo, o certo e o errado, a *trampa* e a honradez, neste mundo onde as injustiças, as humilhações são recobertas por uma mídia elogiosa do falicismo e do chamado resultado final, excluindo a história, o vale-tudo passa a imperar. O elogio da *milonga* faz parte do *gamble play* e não do *fair play*. Rattin, o capitão da Argentina na Copa da Inglaterra foi explícito e quebrou a cara, bem como o General Galtieri foi explicitíssimo invadindo as Falklands, digo Malvinas, e quebrou não só a cara mas viu o frontispício do edifício ditatorial argentino estalar, seguido de desabamento. *Last but not Least*, e em contra-réplica a qualquer argumento que os honestos sempre vencem Simeoni-*milonga* saiu vitorioso, acompanhado por parte do povo argentino orgasticamente identificado, lembrando parte do povo inglês regozijado ao ver o *Queen Elisabeth* atracando com os marujos orgulhosos do feito no Atlântico Sul.

Mais além da organização sincrônica dos eventos que envolvem os atos do catimbeiro há que aceitar que ele é um *milongeiro* que encontra ampla justificativa para proceder astuciosamente. A justificativa é histórica. Existe ilegalidade: nenhuma dúvida, o catimbeiro é o primeiro a apontar o ilícito. Simeoni e todos os argentinos apontarão algo doutro: existe legitimidade no ato de Simeoni. É ilegal e ilegítimo que os ingleses nos vençam em Malvinas, digo Falklands, e portanto pode ser ilegal ganhar com uma *milonga*, mas é “*mais do que legítimo, é necessaríssimo*”, diria um especialista portenho em mandriicre futebolística. A anormalidade pode virar uma especialidade, um talento neobarroco. No futebol e

na guerrilha a manha é a arma do suposto oprimido. Como se Simeoni fosse um oprimido e Beckham um opressor. E vemos a inversão do bom-moço virar *troublemaker*. Tudo como se o que estivesse no palco futebolístico fosse guerra e não um simples jogo de futebol desvestido de representações identitárias históricas. Nisto que, a partida de futebol não tem sua enunciação e dimensão diacrônica infiltrada inexoravelmente por algum dos seus atores, só os cândidos seriam enganados, ou senão David sincero, asseado, e que em um nanossegundo de inconsciência olvidou que um outro Diego já tinha acreditado na legitimidade que uma *milonga* fosse *la mano de Diós*.

“Ir para o sacrifício” é um termo banalizado. Assinala não somente a grande importância, mas também o heroísmo presente no gesto, até de Simeoni conseguindo arrancar um pênalti inexistente e expulsar um jogador modelo. Este não tem medo de “ser um narciso que cospe na própria imagem” (Nelson Rodrigues), que acredita mais no *fair gamble* do que no *fair play*. Certamente, na sua lógica de redução de sofrimento e não somente de acumular benesses, pensaria capoeiristicamente que malandro que é malandro não vai para a prisão, faz sua vítima virar presidiário. Segue uma lógica de menos dor e máximo de resultado, arriscando-se. Será aclamado na Argentina por sua vadiagem disfarçada e vencedora. Quem vai para o embate se expõe ao momento de decisão que fará história. Ou faz o ato necessário ou se demissiona. Ou decifra o enigma da Esfinge ou será devorado. Em ambos pode virar Rei ou ser despedaçado como um frango barato de supermercado, cujos ossos serão jogados aos cães. Fica marcado para nós psicanalistas o seguinte: para viver em sociedade é exigido do homem grande sacrifício na sua pulsionalidade e por

conseqüência limitações dos seus desejos. Seja Beckham ou Simeoni. Tudo o que envolve a sexualidade e a agressividade passa a ser limitado. A organização familiar e em seguida a vida dita civil vai tentar dar limite, orientar a sexualidade e a agressividade desde a pequena infância. O futebol expressa bem este esforço civilizatório, particularmente com relação à força de Eros, que já apontamos, e das impulsões destrutivas que o criador da psicanálise sublinhava os grandes perigos: “a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra um, se opõe a esse programa da civilização”. A hostilidade se desenrola tanto no sujeito, quanto para com os seus companheiros, geralmente na forma de eficiência e exigência, e certamente contra os adversários. Esquecer o determinismo histórico meneado por essa pulsionalidade seria um grave erro para uma psicanálise que qualifique tão somente a combinação sincrônica de significantes.